



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CAMPUS TRÊS LAGOAS
CURSO PEDAGOGIA

**O PROJETO DE EXTENSÃO RODA CUTIA:
DANÇAS CIRCULARES E BRINCADEIRAS DE RODA
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

TRÊS LAGOAS
2023

ALANA DE SOUZA MAGNOLER

**O PROJETO DE EXTENSÃO RODA CUTIA:
DANÇAS CIRCULARES E BRINCADEIRAS DE RODA
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado sob a orientação da Profa. Dra. Ligiane Aparecida da Silva como elemento obrigatório para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

TRÊS LAGOAS
2023

PARA ENTRAR NA RODA...

Roda na rua
Cecília Meireles

Roda na rua
a roda do carro.

Roda na rua
a roda das danças.

A roda na rua
rodava no barro.

Na roda da rua
rodavam crianças.

O carro, na rua.

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar as vivências e experiência da autora como integrante do projeto de extensão Roda Cutia: danças circulares e brincadeiras de roda, desenvolvido no âmbito do Curso de Pedagogia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Três Lagoas, no decurso do ano de 2023¹. O referido projeto tem como objetivo qualificar a formação docente nos cursos de licenciatura ofertados no câmpus, bem como a formação de professores(as) da Educação Básica do município por meio da valorização, socialização e ações coletivas que contemplem as chamadas danças circulares sagradas e as brincadeiras de roda, com ênfase na cultura popular brasileira e latino-americana. Além disso, o projeto visa, prioritariamente, a promoção de iniciativas que favoreçam o contato das crianças em idade escolar com as cantigas populares e danças de roda, iniciativa que se estende aos espaços físicos da universidade e da própria cidade, sobretudo nos meios culturais e locais que permitam o contato direto com a natureza por grupos de diferentes faixas etárias.

“As crianças de hoje só gostam de celular e internet” ou “Os professores não se animam para atividades extraclasse” são afirmações que se reproduzem no meio escolar e na sociedade e que mobilizam as intervenções do projeto Roda Cutia. Sabemos que as novas tecnologias são um recurso cada vez mais familiar para as crianças e adolescentes e que o tempo de trabalho dos

¹ Os projetos de extensão propostos por servidores da UFMS são submetidos via sistema (<https://sigproj.ufms.br/>) e avaliados por equipe responsável. Após aprovação, entram em vigência pelo período estipulado e são periodicamente avaliados por meio de relatórios parciais e finais, acompanhados de arquivos que comprovem a realização das atividades apresentadas e sua relevância formativa. No âmbito das disciplinas, a extensão é realizada como parte dos componentes curriculares das disciplinas de cada curso, sob a exigência de que os(as) estudantes atuem como protagonistas nas ações realizadas junto à comunidade externa. Contudo, as ações, projetos e eventos de extensão na instituição são também ofertados de forma autônoma e desvinculada de disciplinas. Por fim, após concluído o projeto e aprovado o relatório final, atribui-se à coordenação a tarefa de emitir os certificados por sistema específico (<https://certificados.ufms.br/>).

docentes está cada vez mais escasso com a infinidade de demandas que têm a resolver todos os dias. No entanto, justamente para apresentar possibilidades diferenciadas de vivências na escola e fora dela, cantamos e dançamos em grupo na escola, na universidade, na cidade e fora dela, com

o objetivo de promover ações lúdicas, coletivas, interativas e cidadãs que contribuam para a aprendizagem, o desenvolvimento e a humanização de todos os(as) participantes.

Este relato, neste sentido, se justifica por ser o primeiro registro sistemático desenvolvido por uma integrante do grupo, ao final de seu processo formativo no curso de graduação em Pedagogia, no câmpus de Três Lagoas/UFMS. As danças coletivas, para a autora, apresentaram novos horizontes e novos sentidos para a profissão escolhida por fortalecerem o sentido coletivo da docência e a sua dimensão humana, nem sempre considerada ou privilegiada nos meios educativos.

Severino (2007, p. 202) destaca, sobre o Trabalho de Conclusão de Curso, que se trata de:

[...] parte integrante da atividade curricular de muitos cursos de graduação, constituindo assim uma iniciativa acertada e de extrema relevância para o processo de aprendizagem dos alunos. Para a grande maioria, ele representa a primeira experiência de realização de uma pesquisa. Como vivência de produção de conhecimento, contribui significativamente para uma boa aprendizagem.

Com base na afirmação do autor, é válido ressaltar que a escolha do tema para o trabalho de conclusão de curso tem grande importância. Quando o(a) estudante se identifica com o assunto e sente-se motivado a pesquisá-lo, as dificuldades que surgem no processo são enfrentadas com ânimo e coragem, pois o esforço está sendo empregado em algo significativo. Em relação a este relato, especificamente, sinto-me parte dele e posso afirmar que o desenvolvi com alegria, apesar dos desafios que se apresentaram.

Metodologicamente, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, realizado a partir de pesquisa bibliográfica, “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc [...]. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”. (SEVERINO, 2007, p. 122). A técnica empregada foi a história de vida, que consiste na “Coleta de informações da vida pessoal de um ou mais informantes. Pode assumir formas variadas: autobiografia, memorial, crônicas, em que se possa expressar as trajetórias pessoais dos sujeitos”. (SEVERINO, 2007, p. 125).

Quanto ao referencial teórico elencado, privilegamos os estudos de Ostetto (2009; 2010; 2014), Paulo Freire (1996), Altman (2009) e Loureiro e Lima (2018), por serem pesquisadores e pesquisadoras dedicados(as) ao estudo da infância, da relação entre escola e sociedade, da função

social da escola, do brincar e do papel das danças e da arte na formação escolar dos sujeitos em uma perspectiva humanizadora.

Por fim, o trabalho apresenta, a seguir, o relato da experiência vivida seguido de fotografias dos momentos de destaque e análise das vivências a partir dos(as) autores selecionados. Destaco, desde já, que a “pedagogia da roda” modificou minha forma de enxergar o mundo, as pessoas e a educação.

NASCE UMA CUTIA

O projeto de extensão Roda Cutia foi criado informalmente no começo do ano de 2023, pela professora Ligiane Silva, com o intuito de acolher os novos graduandos do curso de pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), câmpus de Três Lagoas (CPTL). Naquele momento, o projeto era constituído de apenas quatro integrantes que ensaiavam com a professora em uma sala de aula durante o recesso acadêmico de fevereiro. Foi na apresentação aos calouros de 2023 que conheci o projeto, a primeira aparição em público do grupo. As danças eram bem ensaiadas e a sincronia dos participantes admirável. Algumas danças foram abertas para que o público pudesse participar e, como era tudo novo, as pessoas ficaram tímidas no primeiro momento. Contudo, logo em seguida, sentindo a energia que a dança produz, a maioria optou por participar, formando-se uma linda roda dentro da sala de aula. Participei de duas músicas naquele dia e, após o encontro, manifestei à professora Ligiane meu legítimo interesse em fazer parte da equipe, sendo prontamente recebida e acolhida por todos(as).



Primeira apresentação do grupo, na noite de recepção aos calouros (março de 2023), quando conheci o Roda Cutia¹.

Os primeiros encontros dos quais participei foram feitos na Lagoa Maior, no município de Três Lagoas/MS. Levávamos sempre conosco um pano que colocamos ao chão para podermos sentar, uma garrafa de água e um lanchinho para compartilhar. Nos organizamos em roda e, no centro dela, havia uma mandala, ponto referencial e uma espécie de amuleto do projeto, pelo qual temos grande apreço. Entretanto, foi somente após alguns encontros que comecei descobrir o real significado do círculo enquanto princípio educativo, como apresenta Ostetto (2009, p. 186- 187): “Sem começo nem fim, o círculo indica atividade, movimento cíclico e tem como característica a tendência à expansão, ao ilimitado. Por isso, é associado à mudança e às ideias de incorporar, dar e receber. É essa força que atuamos e vivenciamos nas danças circulares”.

¹ Todas as fotografias inseridas neste trabalho pertencem ao acervo do Grupo Roda Cutia e foram tiradas, em sua maioria, pelo estudante do Curso de Pedagogia e integrante do projeto, Gustavo Henrique de Oliveira Dias.

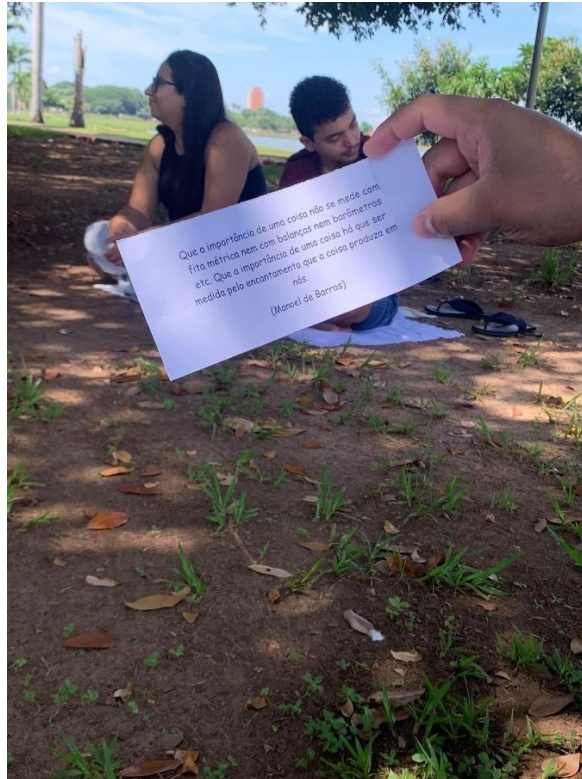


Vivências na Lagoa Maior, em março de 2023. O grupo começa a se expandir.

Naquela época, usávamos uma pequena caixa de som que não supria nossas necessidades, principalmente em ambientes externos. Por esse motivo, prestamos o máximo de atenção possível para sincronizar a dança com a música e, como estávamos ensaiando em um local público, percebíamos a curiosidade nos olhos de quem passava. Muitos paravam para observar as danças

de rodas, talvez porque sentissem o mesmo que senti quando vi o grupo pela primeira vez, pois este projeto de extensão é único, tanto nas UFMS como também na cidade. Ao final de cada encontro, nos sentamos embaixo de uma árvore, já cansados, e compartilhamos o lanche ainda em círculo, partilhando também nossas vidas, os bons momentos ou até mesmo nossos problemas, nossas angústias. Cada um(a) sentia-se à vontade para compartilhar as experiências vividas desde o último encontro, em um momento de tranquilidade e acolhimento que denominamos carinhosamente de “terapia” em grupo, embora a professora Ligiane sempre faça ressalvas sobre o uso da palavra terapia.





Raquel Zumano Altman (2009), ao escrever sobre a humanidade “brincando na história”, afirma que as danças sempre estiveram presentes nas mais diversas celebrações de muitos grupos étnicos. A autora aborda, ainda, as brincadeiras de roda, as cirandas e os jogos coletivos como práticas históricas que perpassam as mais variadas culturas ao longo de muitos séculos. Talvez por isso, ao vermos pessoas reunidas em círculo, brincando descontraídas, sentimos imensa atração para contemplar e participar, pois assim nos constituímos enquanto espécie que precisa do outro, que necessita de relações sociais enriquecedoras, com potencial para expressar-se em diferentes linguagens.

Mas, voltemos à roda... A cada novo encontro, a professora Ligiane envia, via WhatsApp, as músicas que serão utilizadas, iniciando-se sempre com uma música de ambientação, culminando com canções mais intensas e finalizando com outra mais lenta, mais tranquila, para que possamos relaxar e observar a respiração antes de pararmos de vez com a dança. Como temos acesso antecipado às músicas, isso nos dá uma abertura para que possamos junto colaborar na elaboração das coreografias. Desde o primeiro dia em que participei dos encontros, pude perceber a união e a democracia no âmbito do grupo, visto que temos abertura para opinar e dar sugestões de como

melhorar as apresentações e ensaios, além do afeto sincero entre os participantes, carinhosamente chamados de "Cutias²" entre si.

Ostetto (2009) afirma que a circularidade nas relações não pode ser imposta por decreto. Ela só faz sentido quando construída em nossas vivências cotidianas, organicamente, em um contínuo esforço de abertura para o outro, para o novo, para o inesperado. A escola, por sua vez, ainda de acordo com a autora, tem levado a forma circular para a sala de aula e outros espaços, mas ainda sob o domínio de uma pedagogia centralizada e hierarquizada, o que torna a vivência artificial e destituída de sentido.

Um dos principais objetivos do nosso projeto é fomentar o interesse pelas danças de roda e propiciar vivências lúdicas por meio da dança. Ainda no primeiro encontro do qual participei, após cada música que dançávamos, refletimos sobre como poderíamos usá-la em aula e quais benefícios poderiam acarretar às crianças. Um bom exemplo é a dança "Cada bicho tem", de Kitty Driemeyer, pela qual pensamos a respeito do que é grande e pequeno, a diferença entre os animais, o que é rápido e o que é devagar, além de colaborar com o desenvolvimento da coordenação motora, da memória, da atenção, das noções de tempo e de espaço, do equilíbrio.

Minha primeira apresentação como integrante do projeto ocorreu no dia 12 de maio, no campus de Três Lagoas/UFMS, no período matutino, no estacionamento do bloco 8. Apresentamos para estudantes do ensino médio que visitaram a universidade para conhecer o espaço e os cursos. Para tanto, preparamos um repertório com algumas danças simples e rápidas, pois tínhamos tempo limitado e sempre precisamos de tempo extra para apresentarmos tanto a música como sua coreografia e para orientarmos quanto ao uso do álcool nas mãos (duas cutias, participantes efetivas do projeto, ficam responsáveis por garantir que todos(as) higienizem as mãos).

Acolhemos esses visitantes com a música " Seja bem vindo olê lê!", de Jardel Leite, que é um convite para participar da roda e mostrar que somos gratos por estarem conosco. Após, dançamos a música "Dança dos povos" (domínio público), uma música animada que começa devagar e fica mais rápida, fazendo com que cometamos alguns erros engraçados, que trazem boas risadas. A última foi "Peixe vivo" (domínio público), uma canção calma e amplamente conhecida

² A cutia, animal que simboliza o grupo Roda Cutia, é um mamífero roedor que se alimenta de frutos e vegetais. É considerada uma semeadora natural, pois enterra os alimentos que não consome após a coleta, contribuindo para o florescimento dos locais onde vive (Disponível em: https://oncafari.org/especie_fauna/cutia/. Acesso em: 29 nov. 2023). Segundo o Dicionário Guarani Tupi Antigo (Disponível em: <https://oficinadetextosescrever.blogspot.com/2016/03/dicionario-guarani-tupi-tupi-antigo.html?m=1>. Acesso em 05 dez. 2023), ACUTI, ACUTIA, COTIA são nomes atribuídos a “uma taba indígena que existia onde é, hoje, a capital de Santa Catarina no lado continental” e “nome dado pelos guaranis ao animal roedor, conhecido vulgarmente por cutia”. Tratamo-nos como cutias e assim já somos chamados pelo público externo, pois nossa intenção é rodar e semear possibilidades de aprendizagem, desenvolvimento, amizades, colaboração e humanização por onde passamos.

no Brasil, geralmente usada para acalmar os participantes e deixar boas sensações ao final do encontro. Com esse repertório conseguimos participação efetiva dos estudantes e professores(as) visitantes, pois todos(as) foram colaborativos(as) e se divertiram muito. Alguns, inclusive, manifestaram interesse em ingressar no curso de Pedagogia e participar do projeto conosco.

Inquietava-me, no entanto, o fato de pessoas desconhecidas dançarem juntas em harmonia sem nenhum ensaio prévio, e algumas respostas foram surgindo com o tempo e com os estudos, reflexões e discussões que fazíamos, em grupo e individualmente, sobre nossas vivências. Fui aos poucos compreendendo que:

[...] as danças circulares sagradas não ensinam um programa, uma técnica, um modo de fazer com as crianças. Ensinam possibilidades de encontro com conteúdos que falam a cada dançarino em particular, trazem e fazem sentidos articulados ao viver de cada um. Essa é a essencialidade das danças circulares: sinalizar e abrir passagem para acessar conteúdos negados, reprimidos ou desqualificados no mundo da racionalidade científica. É, enfim, a possibilidade de encontro com conteúdos inconscientes, ativando outras funções da consciência, além do pensamento (OSTETTO, 2010, p. 52).

Portanto, era sim possível integrar em um momento significativo pessoas tão diferentes que, em consenso, produzissem algo novo e único capaz de criar contentamento, fortalecer laços, contribuir com o autoconhecimento, com a construção de uma cultura do cuidado e da escuta, com o desenvolvimento humano e social de modo geral, o que me surpreendia cada vez mais.

No dia seguinte à vivência com os estudantes do ensino médio, fomos convidados pelos cursos de História e Geografia do câmpus a uma visita à Ocupação São João, localizada na cidade de Três Lagoas/MS, em um bairro periférico. As pessoas que lá residem estão em situação de vulnerabilidade e lutando pelo seu direito à moradia, previsto no Art. 6º da Constituição Brasileira. Preparamos um repertório infantil, já que o intuito dessa apresentação foi levar as crianças para dançar conosco, enquanto seus pais conversavam com os(as) professores(as) e alunos(as) dos cursos de História e Geografia, que desenvolvem diversas ações junto à ocupação e outros movimentos sociais.

Para essa apresentação, em especial, houve outro tipo de preparo para além da dança. Levamos folhas sulfite, lápis de cor, giz de cera e outros recursos para brincarmos após a roda. Houve também um preparo pedagógico, visto que a professora Ligiane nos instruiu acerca de nosso objetivo no local. Não estávamos ali para uma ação voluntária voltada para pessoas carentes e sim para uma ação cultural, para uma troca genuína com aquela comunidade. Conversamos sobre isso,

o que fez toda a diferença, pois não olhamos para aquelas crianças com pesar e sim com alegria, por podermos estar ali, trocando vivências com elas, aprendendo e proporcionando aquela tarde atípica. Aquela experiência mudou minha percepção sobre várias coisas, mas, em especial, a minha relação com os alunos em sala de aula. Percebi, na prática, que o sentimento de pesar não irá contribuir com o desenvolvimento dos meus alunos e das minhas alunas. Muito pelo contrário: o olhar “de cima para baixo”, ainda que seja afetuoso, poderá comprometer minha relação com eles, como já afirmou Paulo Freire (1996, p. 15):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia.

Esta foi uma das principais lições que aprendi com o projeto.

Ao chegar ao local, os(as) moradores(as) nos receberam muito bem. Mostraram onde havia sombra para que pudéssemos levar as crianças e também levaram garrafas de água gelada com copos. As crianças ficaram acanhadas no início, mas logo começaram a se aproximar. Pedimos para que avisasse os amigos e amigas sobre a atividade, para que dançassem conosco, e formamos uma linda roda com crianças de todas as idades, desde bebês até pré-adolescentes.

Nosso principal desafio, contudo, foi incluir uma menina com deficiência motora que utiliza cadeira de rodas e se mostrava muito feliz com a atividade. Fizemos o possível para que vivenciasse o momento da forma mais linda possível e acredito que tenha se divertido bastante, o que me levou à seguinte reflexão: como tornar nosso projeto mais acessível a todos(as) que quiserem participar? Sobre esta pauta, ainda estamos discutindo... Com o apoio do professor José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanutti, docente do curso e especialista em Educação Especial, a professora Ligiane está organizando encontros de formação para o ano de 2024. Ambos participaram, inclusive, de um evento sobre inclusão e acessibilidade na cidade de Corumbá/MS,

levando as danças circulares e as brincadeiras de roda em uma perspectiva inclusiva para a formação de professores.

Após a dança, fizemos dobraduras e brincamos com as crianças. Destaco, mais uma vez, que a experiência que levamos dessa apresentação foi muito rica e significativa para nosso desenvolvimento como docentes.



Atividade com dobraduras após as danças de roda com crianças da Ocupação São João, no município de Três Lagoas/MS.

Tivemos alguns encontros importantes do projeto dos quais, infelizmente, não pude participar devido ao meu horário de trabalho. Um deles foi a visita aos alunos da UMI (Universidade para a Melhor Idade). Nesse encontro foram a professora Ligiane e a cutia Adriana, que relataram a beleza da experiência. Segundo elas, os idosos participaram e se recordam de sua infância, das cantigas de roda que remetem a momentos vividos há tanto tempo, como a canção de domínio público "A canoa virou", um grande sucesso entre eles.

Loureiro e Lima (2018), que discutem as cirandas brasileiras e defendem sua presença na Educação Básica nas escolas brasileiras, podem nos ajudar na compreensão sobre o impacto das canções de roda antigas, que permeiam o imaginário das pessoas idosas. Para as autoras,

[...] a música de raiz possibilita a formação de uma identidade nacional, uma percepção musical mais aguçada que se expressa nos ritmos variados de nossa cultura, nas melodias simples que se constituem de frases musicais com perguntas e respostas, e nas estruturas e formas musicais diversificadas. Com habitualidade elas estão atreladas aos jogos, à dança, às brincadeiras de roda e aos desafios motores e rítmicos que fornecem subsídios aos alunos, para um bom aprimoramento físico e melhor coordenação motora (LOUREIRO; LIMA, 2018, p. 395).

E seguimos rodando... Agora, para além de Três Lagoas!

Uma semana após o encontro com a UMI, o Roda Cutia foi para a cidade de Corumbá/MS. Infelizmente, não pude viajar junto com o grupo, mas solicitei um relato à acadêmica Bianca Felipe que, apesar de não ser membro oficial, participa quando pode e tem grande carinho pelo nosso trabalho. Ela destacou que todos que estavam em viagem receberam o convite da professora Ligiane para participar das apresentações que o Roda faria. A primeira foi no CPAN-UFMS, com uma dança no palco após a palestra de abertura do evento, onde foi feita uma grande roda com jovens que ingressantes da graduação e professores experientes, prestes a se aposentar. Todos(as), como um, se juntaram em uma linda dança de roda, fazendo uma vez para aprender a coreografia e, na segunda vez, para dançar de fato. Divertiram-se muito, ao mesmo tempo em que refletimos sobre como possibilitar interações mais leves e significativas entre adultos e crianças no ambiente escolar.

Na manhã do dia seguinte, Bianca me contou que foram convidados a gravar vídeos para o Roda Cutia, aproveitando o cenário incrível que o porto de Corumbá proporciona aos seus visitantes, e ali no porto alguns clipes foram gravados³. Ainda usando palavras da acadêmica, “A viagem não poderia acabar melhor, com a energia da dança de roda em um cenário divino; só de lembrar fico grata pela oportunidade de fazer parte de algo tão grandioso e que alcança muita gente”. E, assim, se despediram da jornada e voltaram para Três Lagoas. Cabe lembrar que, além da experiência, a professora Ligiane adquiriu uma grande caixa de som, e a partir de então as rodas dariam à música o volume e destaque que merecem. Deixamos com os professores e estudantes do CPAN e levamos conosco essa energia e conhecimento da importância cultural da dança de roda em todas as idades, conclui Bianca.

³ Os vídeos produzidos na cidade de Corumbá/MS foram apresentados como atividade cultural do V Seminário Nacional de Pesquisas e Práticas na Educação da Infância: impactos da política curricular da BNCC na educação da infância (<https://sppeiufmscptl.wixsite.com/pedagogia>), realizado em Três Lagoas/MS entre os dias 26 a 28 de setembro de 2023, a partir de uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e o Curso de Pedagogia do CPTL-UFMS. Estão disponíveis para acesso no canal do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores (GforP), coordenado pelo professor Dr. Paulo Fioravante Giareta. Para conhecimento, ver: <https://www.youtube.com/@gforp2572>.



Encontro do Roda Cutia no Câmpus do Pantantal (CPAN-UFMS), em maio de 2023.



Integrantes do Roda Cutia com estudantes e professores(as) do CPTL-UFMS e CPAN-UFMS, no porto de Corumbá/MS.



Parte do Roda Cutia com nossa estimada mandala no porto de Corumbá/MS, representando o Curso de Pedagogia do CPTL.



Dança circular em um dos locais mais lindos do Brasil: o Pantanal.

De volta a Três Lagoas...

O projeto Roda Cutia tem parceria com os cursos de licenciatura, e por conta dessa parceria fomos convidados a uma apresentação na Feira Solidária, promovida pelo curso de História, que aconteceu no pátio do bloco 6 de nosso câmpus. Para essa apresentação tivemos três ensaios cruciais para a execução da coreografia, e um último ensaio antes da apresentação, dentro de uma sala de aula, com a colaboração do professor Fontoura, docente do curso de Pedagogia e também participante do projeto (tocador oficial de meia lua). Com muita alegria e prestatividade e com base em seus ricos conhecimentos na área da Didática e da Arte, ele nos ensinou técnicas teatrais e de ballet que deram mais graça e delicadeza para nossos passos.

Naquele dia, estávamos muito ansiosos. Seria a primeira vez dançando para tantas pessoas. Começamos fazendo uma grande roda e colocando nossa mandala no meio. Em cima dela, colocamos elementos que lembravam a feira, tais como: artesanato, legumes, doces caseiros e até um boné do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra), pois queríamos realmente levar a essência da feira para dentro da roda. Tivemos muitas participações nesta apresentação e a maioria delas dos próprios estudantes do curso de História. Antes da apresentação, a Cutia Adriana, que é preta, passou em todas as salas convidando as mulheres pretas estudantes do CPTL para que fossem participar de uma ciranda conosco. Para a referida dança levamos lenços que seriam utilizados durante a coreografia. A música era “Groove Arrastado”, do grupo Sambaiana, um samba com mensagem de empoderamento em sua letra. Aquelas mulheres negras foram para dentro da roda e dançaram junto Adriana, que lembrava o fato de a universidade pública ser um lugar de livre acesso para todas as pessoas, sobretudo para as que mais precisam dela, enquanto nós, que estávamos em formato de roda, aplaudimos e dançamos com elas. Foi uma apresentação linda e muitos ficaram emocionados. Esta apresentação foi uma das mais emocionantes e cheias de significado da qual participei.



Ensaio final antes da apresentação na Feira Solidária de 2023.
Professor Fontoura e Professora Mariana nos bastidores, colaborando e motivando o grupo.
Novos integrantes vão se juntando a nós...



Ciranda das mulheres pretas, na Feira Solidária do Curso de História (CPTL-UFMS, 2023).



Uma grande roda com participantes da Feira Solidária.

Quando voltamos do recesso acadêmico do meio do ano, o Roda Cutia começou uma fase nova onde teríamos o “Dançando no Intervalo”, a prática de danças circulares uma vez por mês no câmpus, durante o intervalo das aulas noturnas, em locais que favorecessem o acesso a estudantes e docentes de diferentes cursos. A ideia era dançar com quem quisesse entrar na roda conosco e, por este motivo, as danças teriam que ser simples.

Conseguimos realizar o primeiro encontro no mês de agosto, ao lado do bloco IV. O curso de pedagogia foi convidado a estar ali, junto a nós, mas todos que estavam passando também foram convidados a dançar. Foi um momento de muita descontração e senti que as pessoas que participaram saíram um pouco mais leves para poderem voltar à aula. A última música que dançamos nessa primeira vivência foi "Alecrim Dourado" (domínio público), uma música calma que, apesar de muito conhecida no Brasil, era nova em nosso repertório. Ensaíamos a canção em um sábado e durante a execução distribuimos florzinhas que simbolizavam o alecrim. A ação me permite dizer que o Dançando no Intervalo⁴ serviu para que o Roda Cutia tivesse mais visibilidade pelos outros cursos, pois apesar de o projeto ser aberto para toda o câmpus, todos os seus integrantes são do curso de Pedagogia.

O projeto nos trouxe grandes amizades com as quais podemos contar em qualquer momento. Uma prova disso foi nossa viagem para Ilha solteira e Pereira Barreto, municípios próximos a Três Lagoas que ficam no estado de São Paulo. Fomos até lá no mês de agosto para comemorarmos o aniversário da professora Ligiane Silva, criadora do projeto. Saímos da cidade de manhã e chegamos lá ainda antes do almoço. Aproveitamos um piquenique com vista para o rio, com direito a bolo e parabéns à professora. Aproveitamos muito a companhia uns dos outros, brincamos de vôlei e passeamos pelas cidades. Ao final do passeio, demos comida às araras na Praça das Araras, em Ilha Solteira, e voltamos para Três Lagoas com o coração cheio de alegria.

Nesse segundo semestre de 2023 o projeto Roda Cutia também tem participado ativamente de atividades nas escolas, tanto por meio dos(as) integrantes, que levam suas experiências para as salas de aula onde estão atuando, quanto por meio da professora Ligiane, que vai até as escolas sempre com um(a) de nós para auxiliá-la. Com essas apresentações, conseguimos perceber que, para bebês, o uso de microfone nem sempre é bem aceito por conta do barulho, que comumente os assusta. Observamos que o tempo de atenção das crianças aumenta de acordo com a idade, e que é preciso considerar isso ao fazer um planejamento com brincadeiras de roda. Identificamos, ainda, práticas extremamente centralizadoras por parte de professoras da Educação Básica, ainda habituadas com uma condução rígida do processo de ensino-aprendizagem que dificulta o fruir das

⁴ O “Dançando no Intervalo” não aconteceu outras vezes no ano de 2023, devido à quantidade expressiva de feriados que comprometerem um pouco a dinâmica das aulas. No entanto, pretendemos dar continuidade e ampliá-lo em 2024, estabelecendo-o como uma cultura efetiva e conhecida em nosso câmpus. Atividade similar foi realizada no mês de outubro, o “Mês da Criança”, quando o Roda Cutia finalizou uma sequência de atividades promovidas pelo Curso de Pedagogia que tiveram como objetivo possibilitar encontros para brincar e dançar, com alunos(as), professores(as) e demais servidores(as) e crianças visitantes.

danças e brincadeiras, o que me fez lembrar novamente de Ostetto (2009, p. 179) em seu questionamento: “O que aconteceria se os educadores entrassem na roda, assumindo o girar de mãos dadas, entregando-se à busca e ao mistério do círculo dançante?”. E por que não o fazem? De que modo podemos colaborar para que novas práticas ganhem espaço no fazer docente dessas professoras cansadas e sobrecarregadas? Eis algumas questões que pairam entre nós, para as quais nos mantemos abertos(as) e em diálogo contínuo.

Tivemos o prazer de apresentar nosso projeto no Integra, o maior evento científico do estado do Mato Grosso do Sul, no dia 27 de Outubro de 2023. Fomos para o câmpus da cidade de Campo Grande/MS, onde é feito o evento que abrange todos os campi UFMS. O banner do Roda Cutia foi apresentado pela integrante Adriana, que explicou para os avaliadores os objetivos, experiências e vivências do projeto. Como se trata de uma iniciativa incomum, chamou a atenção dos avaliadores e das outras pessoas que estavam também ali, o que deu ainda mais visibilidade para o grupo.



Roda Cutia no Integra 2023, evento científico promovido pela UFMS.

A participação no Integra nos fez perceber que o Roda Cutia, além de ser um projeto de extensão, pode também se constituir em temas para muitas pesquisas em nível de graduação e pós-graduação. Estudos como este relato e outros, diferentes da proposta que apresento, podem ser realizados e contribuir para que pensemos a roda como um princípio educativo e instituamos a pedagogia da roda como “terreno fértil” de pesquisas futuras. Cabe lembrar que muitas cutias têm manifestado interesse em estudar o tema, sob diferentes olhares e recortes.

Finalizamos o ano letivo com nossa apresentação de fim de ano chamada “Flores e Amigos” – encontro para cirandar, realizada no dia 13 de novembro, no anfiteatro Dercir Pedro, no câmpus de Três Lagoas. Esta apresentação foi muito planejada e aguardada por todos nós, já que tinha um certo peso emocional para todos(as). Sonhávamos, lá no início do ano, com a visibilidade que o projeto tem hoje, e então ensaiamos durante a semana antes da aula e aos finais de semana, para que conseguíssemos fazer as coreografias da melhor forma possível. Foi uma apresentação interativa, o que significa que as pessoas da plateia podiam subir ao palco em músicas específicas para dançar conosco, e foi aí que percebi que realmente somos amados por todos(as) os que estavam lá.

As professoras do curso subiram para dançar conosco e os(as) convidados(as) disputavam para subirem ao palco, em um clima de muita descontração. Pedimos para que subissem apenas quatro pessoas por vez, mas tivemos muito mais. Esse carinho nos emocionou! Ver a plateia correndo para dançar conosco encheu meus olhos de lágrimas e meu coração de alegria. Na maior parte das músicas ficamos em meia lua para que a plateia pudesse nos ver. O professor Fontoura tocou sua meia lua e animou o público, sentado ao lado do aluno Vinícius, um simpatizante que tocava um triângulo, enquanto a Professora Ligiane apresentava as músicas, seus significados e coreografias. Ao final da apresentação, na última canção intitulada “Tá Caindo Fulô” (domínio público, versão gravada pelo grupo Barbatuques), dançamos sozinhos e, como sinal de despedida, jogamos flores de papel pelo palco enquanto dançamos.

Para 2024, já temos planos que farão o projeto expandir ainda mais e nos permitirão mostrar para mais pessoas a potencialidade educativa e humanizadora das danças coletivas.





Encontro de fim de ano, intitulado “Flores e Amigos”, ocorrido em 13 de novembro de 2023, no anfiteatro Dercir Pedro, câmpus de Três Lagoas-UFMS.

Encerro meu relato mencionando a roda e sua simbologia. O círculo vem de nossos ancestrais, pois culturas de todo o mundo, de geração em geração, reuniram-se em torno dele com algum objetivo. Um exemplo são os povos indígenas, os extintos e também aqueles que sobrevivem. De modo geral, sempre se organizam para reuniões ou comemorações com danças em formato circular.

A roda pode significar um recomeço, um ciclo, uma forma de comunicação horizontalizada, na qual ninguém está sob ninguém. Neste movimento, há igualdade e acolhimento das diferenças, sem protagonismos, e todos(as) são essenciais ao mesmo. Os passos são os mesmos, mas o ritmo corporal de cada um(a) muda e o resultado final nunca será igual ao do outro. Trata-se de um processo de reconhecimento de nossas singularidades, ao mesmo tempo em que admite a necessidade de contato com o meio e com a natureza como condição para o próprio crescimento.

Sendo assim, quando o poder da roda é compreendido por educandos(as) e educadores(as), torna-se um ato pedagógico, pois ali, em círculo, cada sujeito tem direito à fala, a acrescentar, a opinar, assim como seu/sua professor(a). Portanto, a roda pode e deve ser usada desde a educação infantil até o ensino superior, visto que, em uma conversa de roda, todos(as) podem se olhar nos olhos de forma confortável, expressar-se e sentir-se pertencente ao meio social. Contudo, como já afirmado, não pode ser usada artificialmente, sob o mesmo paradigma verticalizado que tem caracterizado nossa educação ao longo da história.

Enfim, a roda ou círculo, quando feitos de forma consciente, faz emergir a simbologia de uma sociedade utópica, onde todos se veem como iguais e trabalham juntos por um objetivo. O fator alegria se faz presente, assim como a socialização, a coragem de tentar sem medo do erro e da punição, o apoio mútuo, a diversão e o prazer de aprender para reafirmação de si e do outro.

Neste trabalho relato minha real experiência no projeto Roda Cutia ao longo dos dez últimos meses, com participação assídua nos encontros e eventos propostos, dentro e fora da universidade. Busquei, por meio dele, evidenciar as amizades construídas, as experiências e os aprendizados adquiridos neste curto período de tempo, que agora levo para a vida.

PARA NÃO CONCLUIR – Sobre a circularidade da vida e da docência

Durante todo o trajeto como integrante do projeto de extensão Roda Cutia: danças circulares e brincadeiras de roda, pude perceber um desenvolvimento pessoal significativo. Por muitos momentos tivemos que deixar todas as nossas diferenças de lado pelo bem do projeto, porque nosso objetivo em comum é que ele cresça e seja o sucesso que merece ser. Empenhamos muito nesse período, trabalhamos muito, mas o projeto nunca nos trouxe sobrecarga. Muito pelo contrário: aquele momento do ensaio era espaço para reflexão, amizade e até mesmo cura aos mais ansiosos e depressivos.

Podemos perceber isso claramente em qualquer encontro. Cada integrante tem seu jeito único de dançar e, mesmo com as coreografias, podemos perceber um gingado diferente, uma jogada de cabelo, um rebolado a mais e tudo isso faz parte da cultura em que cada um(a) está inserido(a), à identidade que cada participante leva para a roda. Aprendemos muito uns/umas com os(as) outros(as), e colaboramos para que cada um(a) saia dali melhor do que entrou, pois o momento da roda é como um interruptor: desligamos totalmente do mundo lá fora e, a partir dele, mergulhamos profundamente na dança e ao que ela é capaz de nos comunicar.

Na docência, percebi algumas mudanças no meu olhar para a sala de aula. Consegui perceber mais o(a) aluno(a) por trás de toda a situação que ele carrega; deixei a “pena” de lado e passei a focar no meu objetivo principal, que é a formação da criança, e pude perceber que levar à sala de aula experiências culturais diversificadas e conhecimentos amplos para elas é mais importante do que ficar me preocupando com sua situação dentro de sua casa, sobre a qual não tenho controle e responsabilidade. Em minha realidade, na escola onde atuo, isto foi se suma importância.

Segundo Ostetto (2010), o ensinar e o aprender perpassam os territórios da imaginação, da criatividade, da mudança. Dentro de uma roda, junto aos meus alunos e às minhas alunas, consigo perceber a importância desse trabalho, consigo me conectar com eles/elas durante esses momentos, afinal, diferentemente de todas as outras atividades que proponho, a roda é coletiva. Eu também participo, me divirto e me envolvo. Eu também aprendo.

Por fim, penso hoje que todos(as) deveriam vivenciar essas sensações extraordinárias de pertencimento, pois, segundo Ostetto (2004; 2009), ao dançar, tornamo-nos mais flexíveis em nossos corpos e em nossas formas de ser e pensar. A dança muda o indivíduo de dentro para fora, possibilitando o bem-estar e a qualidade de vida de quem a pratica. Como uma pessoa ansiosa, senti por muitas vezes um alívio indescritível após os ensaios. Posso afirmar que me modifiquei para melhor e pretendo, mesmo após me formar, seguir como uma cutia, afinal, um(a) bom/boa professor(a), para mim, é aquele(a) que ensina e aprende com sensibilidade e humanidade seus alunos e alunas.

Uma imagem concluirá este trabalho pouco convencional, mas fica-nos ainda uma pergunta: seria permitido concluir um TCC com uma fotografia? Não sei, não sabemos... Pode ser que sim, pode ser que não, mas esperamos, de qualquer modo, que a escola e a universidade se abram para o novo e para o recado que a imagem a seguir insiste gentilmente em nos transmitir!



REFERÊNCIAS

ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na história. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto: 2009. p. 231-258.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOUREIRO, Maristela; LIMA, Sonia Albano de. As cirandas brasileiras e sua inserção no ensino fundamental e nos cursos de formação de docentes. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 393–410, 2018. DOI: 10.5965/1808312907092012393. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13971>. Acesso em: 29 nov. 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Na dança e na educação: o círculo como princípio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 165-176, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/bjphmXRN7jYRNGVp4wZK3Qb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2023.

OSTETTO , Luciana Esmeralda. Para encantar, é preciso encantar-se. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 30, n. 80, p. 40-55, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/ffFTgB7LCvKTfKQV6PbHjRK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Danças circulares na formação de professores**: a inteireza de ser na roda. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.